

CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MERTOLA

1

Arqueologia Medieval



EDIÇÕES AFRONTAMENTO



Capa e Design Gráfico: Gil Maia

Execução Gráfica: Edições Afrontamento, Lda.

Impressão e acabamento: Rainho & Neves, Lda — Santa Maria da Feira

Periodicidade: Anual (Nº 1 Fevereiro / 1992; Nº 2 Fevereiro / 1993)

Preço de capa: Portugal — Esc. 3.500\$00; Espanha — PTE. 3.800\$00; Resto da Europa — PTE. 4.100\$00; Fora da Europa — 4.700\$00.

Edições Afrontamento, Lda — Rua Costa Cabral, 859 — 4200 Porto — Portugal — Telefones: (02) 489271, 494880 — Telefax: (02) 491777

CERÂMICAS ROMANAS TARDIAS DE MÉRTOLA ORIGINÁRIAS DO MÉDIO ORIENTE

MANUELA DELGADO

INTRODUÇÃO

A presença, em Mértola, de duas produções cerâmicas originárias do Médio Oriente, a «Sigillata Foceana tardia», representada por 27 fragmentos de bordos e fundos e a «Sigillata Cipriota tardia», por um perfil quase completo da forma mais característica desta produção, parece-nos tanto mais significativa quanto é certo que estes achados provêm de uma estação arqueológica onde os níveis de ocupação romana não foram ainda atingidos, excepção feita no caso da intervenção de salvamento realizada no local onde se ergue o edifício da Câmara Municipal que integra as ruínas romanas ali postas a descoberto.

A quantidade de fragmentos de Sigillata Foceana tardia encontrados em Mértola é, em si mesma, muito significativa, considerando que ela é equivalente à de Troia e só superada pelos achados de Conímbriga e Cerro da Vila, de acordo com o mais recente quadro de difusão deste fabrico em território português, elaborado com base numa ampla prospecção que o tornam, de momento, suficientemente representativo (apresentado no IV Congresso Internacional de Cerâmica Medieval do Mediterrâneo Ocidental, realizado em Lisboa, em Novembro de 1987 e a publicar no próximo número 5 de *Cadernos de Arqueologia*, (no prelo).

Por outro lado, as percentagens dos achados de Mértola e Cerro da Vila, como se diz naquele trabalho, vêm corrigir "um aparente desequilíbrio na distribuição dum produto de difusão mediterrânica, o qual, tendo chegado em abundância a Conímbriga e mesmo a Braga, parecia existir, de modo apenas

esporádico, nas regiões a Sul do Tejo, com excepção de Troia.

Relativamente à presença, em Mértola, da Sigillata Cipriota tardia, consideramos que ela não deve ser subvalorizada, pelo facto de estar representada por um único fragmento. O próprio peso, em Mértola, da produção foceana, contemporânea e originária da mesma região e a presença em Braga, de dois perfis quase completos de uma variante degradada da mesma forma, induz-nos a pensar que a presença do fragmento de Mértola não é acidental e por isso não deve ser negligenciado.

A presente publicação do material de Mértola tem pois, dois objectivos principais: contribuir, uma vez mais, para o estudo da difusão, em território português, da Sigillata Foceana tardia e dar notícia da presença, no nosso país, de mais uma produção originária do Médio Oriente até hoje desconhecida entre nós.

Se esta publicação contribuir também para reafirmar a importância de Mértola no panorama da arqueologia portuguesa, não será esse, para nós, um contributo menor, dado o trabalho, a vários títulos exemplar, que a equipa responsável pelo Campo Arqueológico ali tem desenvolvido.

I - SIGILLATA FOCEANA TARDIA

Esta produção cerâmica do Médio Oriente foi, pela primeira vez, apresentada e descrita por Waagé no 1º relatório das escavações realizadas na Ágora de Atenas e publicado em 1933 (Waagé, 1933, pp 279-328).

Nessa altura o autor decidiu dar aos fabricos romanos tardios cujos centros de produção então se ignoravam, uma designação que poderemos considerar não comprometedora. Foi assim que designou por Late Roman A e B a produção divulgada no Ocidente sob o nome de Terra Sigillata Clara (Late Roman A correspondendo à T.S.Clara C; Early Late Roman B à T.S.Clara A, Late Late Roman B à T.S.Clara D).

Quando em 1972 Hayes publicou um trabalho de síntese sobre várias produções cerâmicas romanas tardias presentes em toda a bacia do Mediterrâneo (Hayes,1972) optou pela designação de «African Red Slip Ware» para as produções Late A e Late B de Waagé, dado não restarem então mais dúvidas sobre a origem norte-africana daquelas produções.

Manteve, todavia, as designações de Late Roman C e Late Roman D, respectivamente para as cerâmicas Foceana e Cipriota, originárias da região Mediterrânica Oriental, que o autor detalhadamente descreveu, mas cujos centros de produção continuava a desconhecer (Hayes,1972, pp. 323-370 e pp. 371-386).

Foi , pois, sob a designação de Late Roman C que esta produção passou a ser conhecida em Portugal, fundamentalmente a partir da



1



2



3



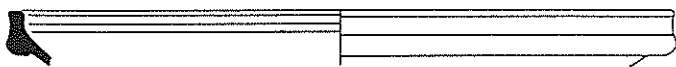
4



5

Sigillata Foceana Tardia de Mértola: forma 3.

6



7



8



9



10



11



Sigillata Foceane Tardia de Mértola: Nºs 8 a 10 (forma 3); Nº 11 (forma 8).

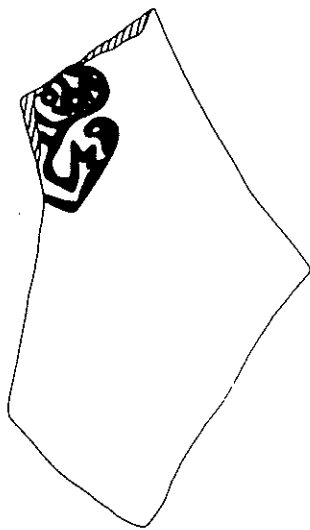
publicação dos materiais de Troia (Maia, 1974) e de Conímbriga (Delgado, 1975, pp. 285-291).

A persistência de tal designação, todavia, hoje já não se justifica, após a descoberta, na Focea (oeste da Turquia) de oficinas de produção de Late Roman C, descoberta que ficou a dever-se a M. Picon e P. Dumont do Laboratório de Ceramologia da Universidade de Lyon. Na sequência desta descoberta, Hayes propôs a substituição da designação Late Roman C pela de «Phocaean Red Slip Ware», no seu «Supplement to Late Roman Pottery» publicado em 1980 (Hayes, 1980, p.525).

À designação proposta por aquela autor preferimos, todavia, a de «Sigillata Foceana Tardia» adoptada por F. Mayet e M. Picon, porque a consideramos mais em sintonia com a designação de «Terra Sigillata Clara» dada por Lamboglia às produções Late Roman A e B mantida na tradição ocidental.

Os estudos laboratoriais realizados por M. Picon (F. Mayet e M. Picon, 1986) sobre fragmentos recolhidos com vista a determinar a origem desta produção e identidade das suas importações no Oriente como no Ocidente, confirmaram as anteriores observações de Waagé e Hayes. Trata-se, de facto, duma produção muito homogénea, (com excepção dum pequeno número de exemplares da variante H da Forma 3), originária dum único centro de produção, situado na Fócea, que se difundiu através do Mediterrâneo, tendo as suas exportações atingido no Ocidente regiões tão distantes como as Ilhas Britânicas.

Recordemos sucintamente aquelas características a título de referência para os materiais agora apresentados. A pasta, de grão fino, contendo apenas partículas calcáreas, que se destacam claramente nas pastas mais escuras, é dura e de cor homogénea em virtude da cozedura feita a uma temperatura bastante elevada. A cor varia entre o vermelho alaranjado, característico da primeira fase da produção, e vermelho escuro ou mesmo púrpura das fases



Sigillata Foceane Tardia de Mértola: nº 12 (fundo).

posteriores. As superfícies, sempre cuidadosamente alisadas com uma espécie de espátula ou pincel, conservam muitas vezes as respectivas marcas sob a forma de bandas ligeiramente côncavas ou rugosidades muito características.

O engobe, muito fino, é mate nas peças de cor alaranjada, podendo apresentar um ligeiro brilho metalizado nos fabricos de pasta mais escura e mais dura. Em consequência do empilhamento das peças no forno, os bordos tomam uma coloração sépia ou mesmo negra e uma tonalidade creme leitosa nos exemplares mais ricos em cal.

As dez formas definidas por Hayes são pouco variadas, incluindo apenas tigelas e travessas assentes geralmente em fundos apenas realçados, molduras largas e facetadas muito características desta produção ou pés muito baixos, nos exemplares mais antigos.

A parede de muitas das formas é acentuadamente mais fina a meio do que nos bordos e base, ao contrário do que acontece na generalidade dos outros fabricos tardios. Tal característica, responsável pela grande fragilidade desta cerâmica, aliada ao diferente tratamento dado às superfícies exteriores dos bordos e

das paredes, sugere que algumas das formas tenham sido feitas em moldes e os respectivos bordos acrescentados ao torno.

Dois tipos de decoração caracterizam esta produção:

O guilhoché, muito comum durante o séc.V e início do séc.VI, é aplicado na parede externa dos bordos e nos fundos internos da Forma 3. Este guilhoché é muito característico por ser geralmente muito profundo e aplicado com um instrumento possuindo duas ou mais séries de entalhes, capazes de produzirem, duma só vez, uma larga banda de decoração.

A decoração estampada está também presente nos fundos internos das peças maiores. Aparece logo na primeira fase de produção, inspirando-se claramente no estilo A da Terra Sigillata Clara D. Pouco a pouco, porém, vai-se individualizando e criando motivos decorativos mais variados, alguns dos quais muito originais, como toda a série de pequenos animais isolados em movimento, profundamente impressos (Hayes, 1972, fig.72 a 79). Esta decoração começa a desaparecer a partir dos meados do séc.VI, mantendo-se, esporadicamente, nos fundos de alguns exemplares menos tardios da Forma 10.

O início da produção situa-se muito provavelmente nos finais do séc.IV, como deixam supor alguns exemplares da Forma 1, 2 e mais recentemente, da Forma 3, encontrados em contextos datados deste período.

Conhece um período de apogeu, entre os meados do séc.V e meados do séc.VI quando domina os mercados orientais em concorrência com a Sigillata Cipriota Tardia. Perdura até meados do séc.VII, com as variantes mais tardias da Forma 10.

Embora predominando na Ásia Menor e Mediterrâneo Oriental, os seus produtos espalharam-se por toda a bacia do Mediterrâneo. O número de sítios a ocidente onde esses produtos chegaram não deixarão, certamente, de aumentar, à medida que se vai difundindo o conhecimento desta produção. Ambos os fabricos característicos desta produção estão presentes em Mértola. De facto, do total de 27 fragmentos atribuímos 14 (9 bordos e 5 fundos) ao primeiro fabrico de argila alaranjada. Atribuímos os restantes 13 fragmentos (8 bordos e 5 fundos) à variante de argila escura mais tardia.

Dos fragmentos ilustrados, os nº 2, 7, 8, 9, 10, 12 e 14 pertencem ao fabrico mais tardio. Na superfície interna do nº 2 são bem visíveis as marcas deixadas pela espátula utilizada no alisamento da superfície. A superfície interna do nº 12 possui um ligeiro brilho metalizado e a superfície externa é muito áspera em consequência do alisamento feito com escova ou pincel.

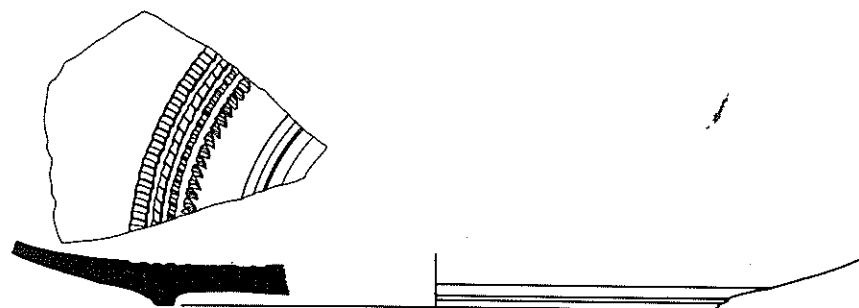
Atribuímos os restantes bordos e fundos ao fabrico anterior, em particular por causa da cor alaranjada das pastas, todavia bastante duras e dos engobes mates, mas muito aderentes, com excepção do nº 6.

AS FORMAS (Est. I e II nº 1 a 15)

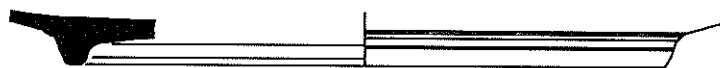
Ao total de 27 fragmentos provenientes de Mértola correspondem 17 peças.

Este número foi determinado, exclusivamente, pelos 17 bordos diferentes encontrados, não se tendo levado em consideração, para o efeito, os restantes 10 fundos que podem pertencer ou não, às mesmas peças. 16 daqueles bordos identificam-se com a Forma 3 e o outro com a Forma 8. Consideramos supérflua a publicação de todos os fragmentos, excluindo, por isso, os fundos idênticos aos exemplares seleccionados e os fragmentos de bordos demasiado exíguos para permitirem um desenho correcto. Note-se que todos estes se integram nas variantes ilustradas.

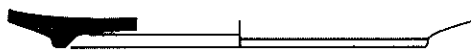
A Forma 3 (nº 1 a 10) corresponde a um prato de dimensões variáveis, com a parede encurvada, assentando em pés muito baixos ou molduras largas muito



13



14



15

Sigillata Foceane Tardia de Mértola: Nºs 13 a 15 (Fundos).

características formando um falso pé. O bordo é vertical, com a extremidade inferior espessada, formando uma protuberância mais ou menos pronunciada. A face externa do bordo é frequentemente ornamentada com guiloché. O fundo interno pode ser ornamentado com bandas largas de guiloché profundamente impresso e decoração estampada circundada ou não por caneluras concêntricas. A pouca espessura das parede em relação aos bordos e ao fundo dá uma grande fragilidade a esta forma que raramente se encontra inteira.

A Forma 3 durou cerca de 150 anos. Foi a forma típica da produção foceana tardia entre os meados do séc. V e os meados do séc. VI correspondendo a

80-90% de toda a produção, durante este período.

Não é fácil distinguir as variantes da Forma 3, não só porque os bordos divergem muito nos seus perfis mas também porque a definição das variantes propostas por Hayes assenta na associação dos bordos com as decorações dos fundos internos, só possível quando se trata de exemplares completos o que não é o caso presente.

Desistimos, por isso, da tarefa inglória de procurar paralelos exactos no material publicado por Hayes ou proveniente das escavações de Conímbriga (Delgado, 1975, PI LXXVI a LXXVIII). Pensamos, todavia, que os bordos aqui apresentados podem distribuir-se entre as variantes C, E e F.

As variantes C e E (nº 1 a 6) têm as paredes externas dos bordos ainda altas e verticais, sendo espessadas na extremidade inferior de maneira a formar uma saliência mais ou menos pronunciada. A extremidade superior dos bordos pode ser arredondada, chanfrada ou biselada. Na variante C os bordos biselados têm o ponto mais elevado na aresta exterior. Ambas as variantes admitem bordos lisos e bordos decorados. O guiloché do único exemplar decorado de Mértola é muito regular e pouco profundo.

Incluímos os números 7-9 na variante F, dadas a espessura e pouca altura dos bordos, a concavidade da parede externa, que parece projectar a extremidade inferior muito saliente, e ainda a presença de guilochés muito profundos.

O fragmento nº 10 corresponde a uma variante de reduzidas dimensões semelhante aos exemplares provenientes de Salónica e Atenas publicados por Hayes (Hayes, 1972, fig. 69, nº 31-40).

A Forma 8 (nº 11) corresponde a uma tigela com diâmetros variáveis entre 13 e 18 cm. O bordo é em forma de aba larga inclinada para o exterior e diminuindo de espessura em

direcção ao lábio, mais ou menos afilado. A face superior da aba, ligeiramente côncava, apresenta uma larga canelura a meio e uma ranhura junto ao lábio. A parte inferior da parede é levemente carenada, assentando num pé baixo ou numa simples moldura facetada. Esta forma não tem decoração no fundo interno.

Foi produzida na 2ª metade do séc. V.

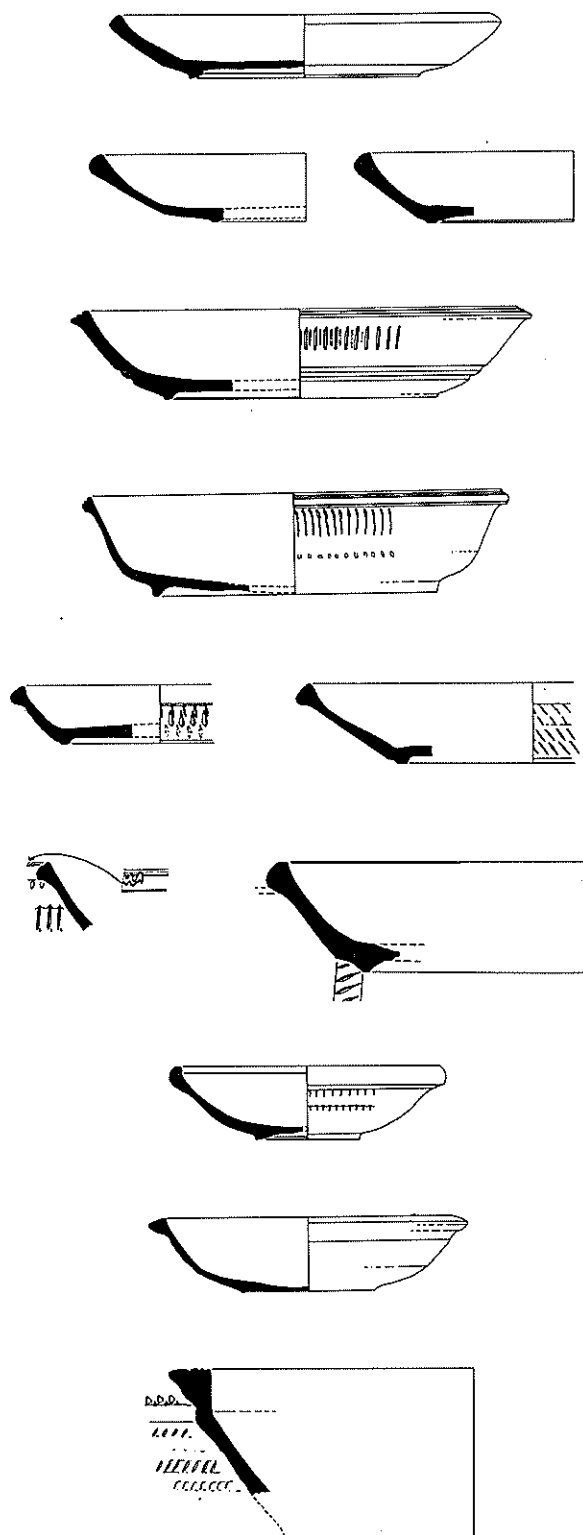
FUNDOS (nº 12 a 15)

Dos 10 fundos encontrados ilustramos apenas os 2 únicos decorados e ainda 2 lisos, que ilustram a generalidade das bases de apoio presentes, que variam entre um pé baixo, mas bem definido e uma moldura baixa e com superfície de assentamento larga, muito características desta produção.

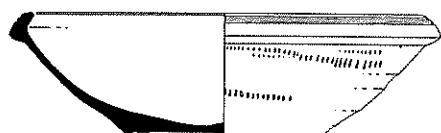
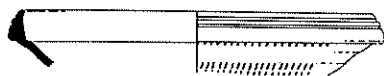
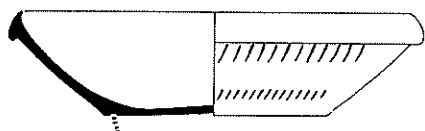
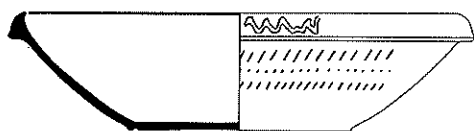
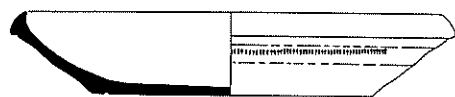
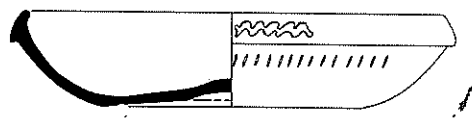
A decoração do fragmento nº 13 que supomos poder incluir no Grupo II de Hayes é composta por uma larga banda de guiloché profundamente impresso e 2 largas caneluras rodeando o centro. O fragmento não permite ver se este incluía um motivo estampado. A decoração do fragmento nº 12, constituída por um motivo central de difícil interpretação (Figura humana?) pode incluir-se no grupo III de Hayes.

II - SIGILLATA CIPRIOTA TARDIA

Embora se desconheça ainda o centro de origem deste fabrico é certo que todas as fases da sua produção estão representadas em Chipre e em quantidades que permitem considerá-la como a principal produção das cerâmicas romanas tardias ali encontradas. Considerando, por isso, Chipre, como local de origem mais que provável desta produção, Hayes propõe que a designação Late Roman D que lhe fora atribuída por Waagé fosse substituída pela de «Cypriot Red Slip Ware», em



Sigillata Cipriota Tardia.



Sigillata Cipriota Tardia.

coerência com as novas designações por si adoptadas.

Por motivo de idêntica coerência resolvemos designá-las por Sigillata Cipriota tardia.

Esta produção caracteriza-se por uma pasta muito fina, incluindo apenas partículas calcárias, ocasionalmente de dimensões consideráveis que podem deixar orifícios nas superfícies, quando expulsas pelo movimento de rotação do torno. Segundo Hayes, a presença destas partículas pode indicar que a textura fina da pasta não seria devida a um cuidadoso trabalho de decantação mas à natureza dos depósitos argilosos de aluvião. O grau de cozedura das pastas assim como a cor destas variam muito: mais vulgares as pastas de cor rosada e castanha avermelhada, aparecem também as cores alaranjada, vermelha, púrpura, sépia e mesmo amarelada, esta última característica das formas mais tardias.

O engobe pouco espesso cobre toda a peça. Da mesma natureza das pastas é mate nas peças brandas, e ligeiramente metalizado nas peças muito cozidas. O sistema de empilhamento dentro do forno, explica que a superfície externa dos bordos se apresente frequentemente com uma coloração negra ou creme esbranquiçada, como acontece na Sigillata Foceiana Tardia.

O fabrico manteve-se constante durante o longo período da sua duração, com excepção de uma fase de má produção à roda dos meados do séc.VI.

Como se vê pelo quadro da Estampa 3, o repertório das formas é pobre, incluindo apenas algumas tigelas, potes, pratos, travessas mais ou menos fundas e bacias com ou sem asa. Os bordos são apenas engrossados, em amêndoa, triangulares ou em forma de aba estreita. Com excepção dos exemplares mais antigos da Forma 2, a generalidade das formas assenta em molduras baixas e largas formando um falso pé, ou simplesmente em fundos apenas realçados.

A decoração típica desta produção é constituída por um guiloché quase sempre grosseiro, disposto em bandas sobre a parede exterior. Os bordos são frequentemente ornamentados por fundas caneluras ou linhas incisas ondeadas características dos exemplares mais tardios.

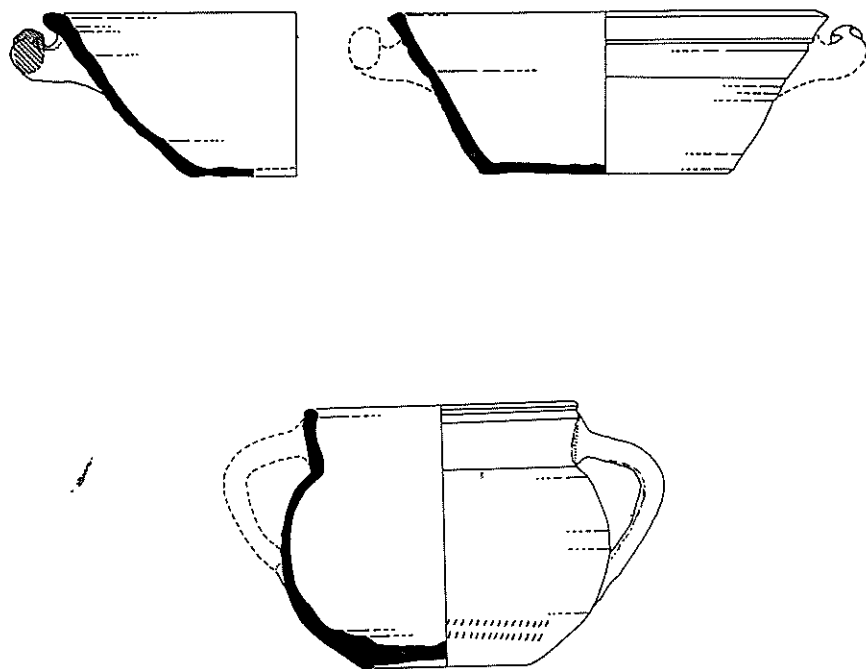
Os fundos internos de numerosas travessas possuem uma decoração estampada, ela também modesta, tendo como motivo predominante as cruzes gregas com as extremidades em forma de cauda de peixe.

O aparecimento de duas travessas da mais antiga forma 1, encontrados em salvados de Yassi Ada (Bodrum) datados de 770-80 d.C. permitem recuar o início desta produção até ao 3º quartel do séc. IV d.C..

O apogeu da produção situa-se entre os meados do séc.V e os meados do séc.VI, tendo então como única concorrente a Sigillata Foceiana Tardia.

A última fase, entre os meados do séc.V e o 2º quartel do séc.VI, é ainda muito produtiva, com o aparecimento de novas formas, algumas das quais, como a Forma 9, estão bem documentadas em contextos de Abu Mena (finais do séc.VI) Cirenaica (estratos correspondentes à invasão árabe de 642-43) Palestina e Chipre (meados e fins do séc.VII).

O fragmento de Mértola (Est. II, nº 16) integra-se na Forma 2 (Est. 2 nº 16) desta produção e é comparável ao exemplar nº 1 de Abu Mena, pela espessura do bordo e inclinação da parede. Tal como ele, assentaria, muito provavelmente, numa moldura baixa formando um falso pé. A largura do bordo não é uniforme, o que certamente dificultou a execução das duas caneluras, muito irregulares que o ornamentam. A parede apresenta duas bandas de guiloché grosseiramente executado, notando-se claramente a sobreposição dos entalhes, por deficiente aplicação da carretilha. O tamanho do fragmento não permite ver a decoração estampada do fundo interno habitual nesta forma.



Sigillata Cipriota Tardia.

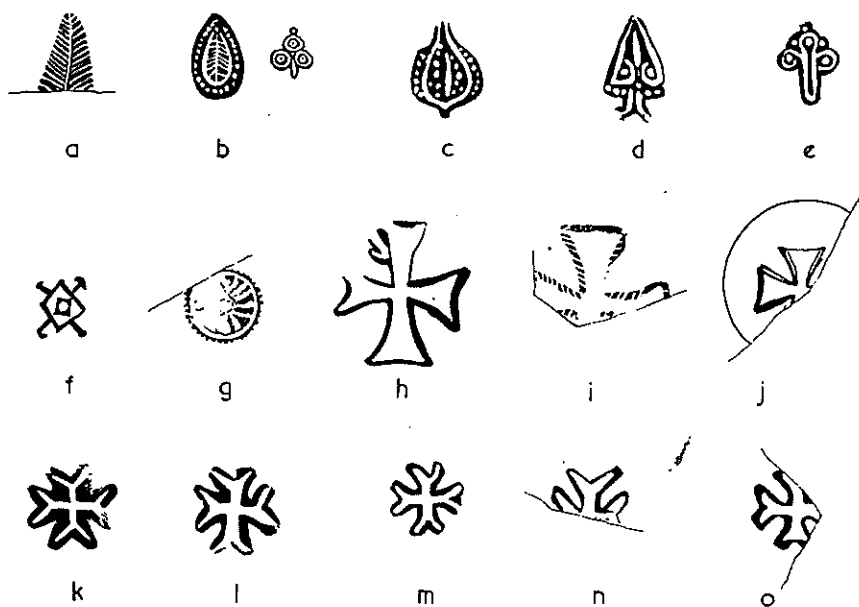
A pasta é castanha avermelhada, muito bem cozida e o engobe muito pouco espesso e mal distribuído, tem um ligeiro brilho metalizado na face interna. A parte superior do bordo é ligeiramente descolorida.

Os exemplares nº1 e 2 mais antigos, publicados por Hayes (Hayes,1971, fig. 80) constituem indubitavelmente os exemplos mais elaborados de toda a produção foceiana. Imitam claramente a Forma 84 da T.S.Clara C da segunda metade do sec.V, incluindo a tentativa, falhada, de reproduzirem o guiloché em forma de ave ("feather rouletting ?") que ornamenta a parede externa daquela forma (Hayes,1971,fig. 23)

CRONOLOGIA

Os fragmentos de bordos da Sigillata Foceana Tardia e da Cipriota Tardia encontrados em Mértola pertencem a formas produzidas nos meados do séc. V d.C..

A Forma 3 da cerâmica foceana e a Forma 2 da cerâmica cipriota atingiram, a partir de então, tal popularidade que podem ser consideradas as formas típicas do período de apogeu dessas duas produções, compreendido entre os meados do séc. V e meados do séc VI. Tal popularidade e tal apogeu estão certamente relacionados, como Waagé já notara, com a invasão do norte de África pelos Vândalos ocorrida naquele período. Beneficiando das dificuldades que aquela



Sigillata Cipriota Tardia.

invasão causou aos centros produtores da Terra Sigillata Clara, as produções foceana e cipriota surgiram, certamente, como produções alternativas, conquistando então os mercados da bacia do mediterrâneo até então abastecidos pelos centros norte-africanos.

CONCLUSÃO

Os presentes achados de Mértola, provenientes de camadas de entulho ou de revolvimentos muito posteriores à ocupação romana não podem contribuir para

precisar ou esclarecer cronologias. Muito se pode esperar, todavia, das escavações futuras, quando elas atingirem níveis inferiores aos níveis de ocupação árabe em que ainda se encontram.

Por outro lado, se os fragmentos de Sigillata foceana apenas ampliam a área de difusão desse fabrico em território português e ajudam a restabelecer-lhe o equilíbrio, admitimos que o fragmento da Forma 3 da Sigillata Foceana tardia, agora encontrado, além de constituir um vestígio não desprezível da presença dessa produção possa ajudar à identificação de novos achados que confirmam a difusão insuspeitada desse fabrico neste extremo do mediterrâneo ocidental.

BIBLIOGRAFIA

- Delgado, M. (1975), *Sigillée Late Roman C, Fouilles de Conimbriga*, IV, 1975, pp. 285-291.
- Hayes, J. W. (1972), *Late Roman pottery*, London. - (1980) - *Supplement to Late Roman pottery*, London.
- Maia, M.G.P. (1974), *Cerâmica fina oriental de Setúbal: "Late Roman C Ware"*, III Congresso Nacional de Arqueologia, Porto, 1973, pp. 333-341.
- Mayet, F. e M. Picon (1986), *Une sigillée phocéenne tardive ("Late Roman C Ware") et sa diffusion en Occident*, Figlina, 7, pp. 129-133.
- Waagé, F.O. (1933), *The American excavations in the Athenian Ágora*, First Report: The roman and Byzantine pottery, Hesperia, II.

